

LEITURA E  
MEDIAÇÃO:  
reflexões  
sobre a  
formação  
do professor



JULIANA BERTUCCI BARBOSA  
MARINALVA VIEIRA BARBOSA  
(organizadoras)

LEITURA E  
MEDIACÃO:  
reflexões sobre a  
formação do professor

*Participação*

João Wanderley Geraldi  
Rodolfo Ilari  
Valdir Barzotto  
Claudia Riolfi  
Juliana Loyola  
Fani Tabak  
Maria Fernanda Oliveira  
Danielle Menezes  
Milena Magalhães  
Talita Marine  
Carlos Moraes  
Deolinda Freire  
Jauranice Cavalcanti  
Maria Eunice Barbosa V. Mendonça

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Leitura e mediação : reflexões sobre a formação do professor. / Juliana Bertucci Barbosa, Marinalva Vieira Barbosa, organizadoras. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2013.

Bibliografia.

Vários autores.

ISBN 978-85-7591-222-5

1. Educação básica 2. Escolas públicas 3. Leitura 4. Literatura 5. Mediação 6. Pedagogia 7. Professores – Formação I. Barbosa, Juliana Bertucci. II. Barbosa, Marinalva Vieira.

13-03591

CDD-370.71

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Leitura, literatura e mediação : Professores :  
Formação : Educação 370.71

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide  
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

*Obra em acordo com as novas  
normas da ortografia portuguesa.*

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

**abril/2013**

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

*Descobri que a leitura é uma espécie de sonho escravizador,  
se devo sonhar porque não sonhar os meus próprios sonhos?*  
(Fernando Pessoa).

*O leitor que mais admiro é aquele que não chegou até a  
presente linha. Neste momento já interrompeu a leitura e  
está continuando a viagem por conta própria.*  
[...] *Ab, esses livros que nos vêm às mãos, na Biblioteca  
Pública e que nos enchem os dedos de poeira.  
Não reclames, não. A poeira das bibliotecas é a  
verdadeira poeira dos séculos.*  
(Mário Quintana)

*Um público comprometido com a leitura é crítico, rebelde,  
inquieta, pouco manipulável e não crê em lemas que alguns  
fazem passar por ideias.* (Mário Vargas Llosa)



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO . . . . .	7
Primeira parte	
<i>LEITURA, LITERATURA E MEDIAÇÃO</i>	
LEITURA E MEDIAÇÃO . . . . .	25
João Wanderley Geraldi	
DO DIREITO À LITERATURA . . . . .	49
Milena Magalhães	
LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS: PARA QUE E PARA QUEM? . . . . .	73
Carlos Francisco Morais	
FRONTEIRAS DA LEITURA LITERÁRIA . . . . .	97
Fani Miranda Tabak e Deolinda de Jesus Freire	
Segunda parte	
<i>LEITURA, LITERATURA E ENSINO</i>	
LEITURA LITERÁRIA E ENSINO: PARADOXOS, DESAFIOS E PROPOSTAS. . . . .	113
Juliana Silva Loyola	
LITERATURA NA FORMAÇÃO DO LEITOR: PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA . . . . .	125
Maria Fernanda A. Oliveira e Danielle de A. Menezes	

Terceira parte

*LEITURA, ESCRITA E MEDIAÇÃO*

TODO MENINO QUE NASCER, ATIRÁ-LO-EIS AO  
NILO – OU NUM MANANCIAL DE TEXTOS . . . . . 157

Valdir Heitor Barzotto

O ALUNO E O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS: A  
DISCURSIVIDADE CONTEMPORÂNEA E A  
CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE . . . . . 173

Claudia Riolfi

Quarta parte

*LEITURA, TEORIAS LINGUÍSTICAS E MEDIAÇÃO*

É PRECISO ENSINAR A LER . . . . . 197

Maria Eunice Barbosa Vidal Mendonça

OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS E  
AS PRÁTICAS DE LEITURA . . . . . 213

Jauranice Rodrigues Cavalcanti

O LUGAR DA TEORIA NA PRÁTICA DE ENSINO  
DA LEITURA E ANÁLISE DE TEXTOS . . . . . 231

Marinalva Vieira Barbosa

MEDIAÇÃO DE LEITURA, COESÃO  
E COERÊNCIA TEXTUAL:  
UMA RELAÇÃO POSSÍVEL? . . . . . 263

Juliana Bertucci Barbosa e Talita de Cássia Marine

Suplemento

ELABORAÇÃO DE GRAMÁTICA DO  
PORTUGUÊS FALADO, NOTAS PARA UMA  
PALESTRA, POR OCASIÃO DO LANÇAMENTO  
DO VOLUME 2 DA GPFB . . . . . 289

Rodolfo Ilari

SOBRE OS AUTORES . . . . . 307

## INTRODUÇÃO

*Leitura e Mediação: reflexões sobre a formação do professor* é resultado de discussões e questionamentos que emergiram, principalmente, durante o desenvolvimento do Seminário Inaugural e do Curso de Aperfeiçoamento do projeto “Práticas de leitura: formação continuada de professores da rede pública do Triângulo Mineiro”, financiado pelo Ministério da Educação (MEC), em parceria com a Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFMTM-Uberaba), realizado em Uberaba, em 2011 e 2012, que envolveram professores da UFMTM e convidados de outras instituições de ensino. Esse projeto está ligado ao Programa “Mais Leitura – Capacitação de Mediadores” da Rede Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, criada em 2004, pelo MEC.

O projeto “Prática de Leitura/ Programa Mais Leitura” teve como objetivo principal contribuir para a melhoria da formação de docentes e alunos da escola básica. Tanto o Seminário Inaugural quanto o Curso de Aperfeiçoamento, que deram base à temática deste livro, tiveram como princípio a necessidade de investir em ações que promovam essa melhoria, como a oferta de cursos e obras voltados aos profissionais

docentes, que os levem a desenvolver práticas significativas de ensino da leitura.

Seguindo essa perspectiva, este livro tem o objetivo de retornar aos professores da Educação Básica o registro escrito das reflexões e discussões surgidas no âmbito do Seminário Inaugural e no desenvolvimento dos módulos do Curso de Aperfeiçoamento. Esta obra, portanto, coaduna com os objetivos do Programa do Governo Federal *Mais Leitura* de oferecer aos docentes da escola básica condições (conhecimentos científicos e didáticos) de formar leitores críticos e atuantes, capazes de dialogar com os diferentes textos que circulam na sociedade e com aqueles que constituem nossa herança cultural.

Mediante esses objetivos, em todas as etapas de realização das atividades previstas no Projeto e neste livro, partimos do pressuposto que o ato de ler e de ensinar a ler exige uma disponibilidade essencial para encontrar e/ou dar vida às palavras. Ou seja, embora o ato da leitura exija que o leitor dialogue com textos presentes circulantes na sociedade atual e com aqueles que pertencem a nossa herança cultural, ela não pode constituir-se em um “monumento intimidador, enfadonho” seja para o professor que ensina, seja para o aluno que aprende. Se o professor impõe o comportamento que o aluno deve ter para ler, “o bom jeito de ler”, se o aluno “se submete à autoridade de um texto, encarando-o como algo que lhe é imposto” e sobre o que deve prestar contas, são poucas as possibilidades da leitura entrar no seu horizonte de possibilidades como uma experiência de vida e para a vida (Petit 2009, p. 48).

A efetiva apropriação de texto pressupõe que o leitor, antes de exercer de forma autônoma essa prática, tenha tido um mediador, para quem os livros são familiares. A mediação, nesse sentido, é um ato de fazer com que as palavras, os textos circulantes na sociedade, os contos, os romances, os poemas, as

palavras reunidas de maneira ética e estética numa obra, passem a fazer parte da experiência de vida do aluno. Mas não só, para ocupar essa posição, o próprio mediador carece também fazer a palavra habitual e inabitual dos textos entrarem na sua própria experiência de vida.

O mediador é alguém que toma o texto como um monumento que precisa ser explorado, olhado, analisado, desconstruído se necessário, para que possa emergir a voz, a compreensão singular daquele que lê. “Alguém que manifesta à criança, ao adolescente e também ao adulto uma disponibilidade”, um acolhimento, uma presença dialógica e que, principalmente, considera o outro – que precisa ser levado ao texto – como um sujeito histórico, cultural, portanto, “construído por” e “construtor de palavras” carregadas de sentidos.

São muitas as histórias daqueles que, embora tenham vivido parte da vida longe dos livros, atestam que tudo começa com a mediação, com o encontro com o livro mediado por uma voz, uma entonação, uma indicação e, sobretudo, como uma clara orientação acerca de como ir ao texto, de como olhá-lo como espaço de interlocução, de diálogos com outros textos. A mediação começa com uma disponibilidade para a hospitalidade – esta entendida como o ato de acolher aquele que chega e dar-lhe lugar e condições para que, após essa chegada, possa prosseguir com força e vigor a sua própria caminhada.

A mediação se materializada como um acolhimento e permite que aqueles que buscam adentrar o mundo da leitura, façam uso dessa hospitalidade para apoiar-se e dar materialidade a suas buscas e desejos de compreensão da palavra, da vida. Principalmente, para elaborar, construir seu próprio lugar de leitor. Petit justifica a importância do mediador nos dias atuais afirmando que:

Do nascimento à velhice, pensamos unicamente em resposta ao que nos foi lançado por outros, ainda mais quando desconfiamos de que eles sabem de alguma coisa, um segredo, ao qual não temos acesso. Sem o outro, não existe sujeito. Em outras palavras, o gesto da partilha ou da troca, a relação, está na origem mesma dessa interioridade, que não é um poço onde se mergulha, mas que se constitui entre dois, a partir de um movimento em direção ao outro. Está também na origem mesma da identidade (se é que esta existe, o que pode ser discutido), que se constitui em um movimento simultaneamente centrífugo e centrípeto, em um impulso em direção ao outro, um desarraigamento de si, uma curiosidade – uma vontade também, por vezes feroz. Na origem mesma da cultura. (Petit 2009, p. 51)

A leitura é um ato que se constitui por meio da palavra do outro – que pode ser o texto e também o mediador. Nesse sentido, é fundamental que o mediador assuma essa condição de outro detentor de um saber, de um segredo sobre a magia, sobre os segredos das palavras. Pela perspectiva posta acima, o mediador aproxima-se do narrador tematizado por Walter Benjamin: um mediador também detentor de conhecimento, de saber, de experiência que o aprendiz ainda não detém. Exatamente por não detê-lo é que, quando a mediação ocorre, se abre também numa disponibilidade essencial para acolher a palavra do outro, deixando-a assumir a base de constituição de sua entrada na cultura da leitura.

As formas de constituição de laços com a palavra do outro e, a partir daí, com a própria leitura são muitos e diferenciados. Tanto que na narrativa de uma futura professora encontramos o seguinte:

01 A sou um leitor por causa de uma professora que tive  
02 (.):é:h eu admirava o jeito tímido que ela tinha  
03 de falar das suas leituras (.):é:h eu gostava do  
04 trabalho dela da própria disciplina né/ eu gostava  
05 muito das aulas de português acho que ela

06 despertou em mim o desejo de ser como ela (.) era  
07 engraçado porque eu tinha uma admiração por ela e  
08 brigava para que ela também me admirasse (.) é::h  
09 a forma que eu tinha de conquistar essa admiração  
10 era lendo as mesmas coisas que ela (..) na aula eu  
11 fazia tudo certinho porque tinha um me::do danado  
12 dela achar que eu não era um bom aluno [...]

(in: Barbosa 2010, p. 213)

O professor que assume a condição de mediador funciona como ponte constitutiva da relação do aluno com as palavras, com a leitura de diferentes formas. No depoimento acima, podemos constatar que traço individual e traços de saberes se misturam numa representação que não separa a mulher (vista como) tímida e a professora que domina os conteúdos de ensino. A memória retém o todo corporal desse outro, mas é um corpo que se desintegra como corpo físico e se reintegra como corpo de saber. Este percebido pelo modo de falar da leitura e pelo que lia. O tema leitura torna-se atrativo porque está envolto em um tom, em um modo de ser. O professor passa a ser parte essencial do conteúdo de ensino porque sua relação com o que ensina é determinante à construção da relação do aluno com a leitura em si.

Conforme já dito, a condição do professor como leitor entra em jogo no processo de ensino e aprendizagem da leitura. Obviamente, essa entrada não depende somente de ações deliberadas, mas dos sentidos subjetivos construídos pelo aluno sobre o que ler, porque ler e como ler. Isso não significa reduzir a aprendizagem da leitura a meros processos subjetivos, mas reafirmar que ela se realiza no confronto entre o que é da ordem singular e da ordem social. O aluno recorta traços individuais do professor, mas o faz a partir do posicionamento deste em lugar bastante específico: a posição professor. São os traços do corpo

professor leitor que o seduzem e, conseqüentemente, despertam o desejo de ir até o livro.

Considerando essa relação, neste livro, o professor mediador encontrará em todos os textos dois temas fundamentais à constituição desse processo: a centralidade da literatura e da linguagem na constituição da leitura. Vale salientar que a conjunção “e” posta entre literatura e linguagem não tem o objetivo de separá-las. Ao contrário, o pressuposto assumido é o de que a literatura é linguagem. A presença da conjunção deve-se ao fato de que em algumas partes do livro o leitor encontrará discussões acerca da centralidade da literatura na constituição da mediação e do próprio ato de ler e em outras partes encontrará discussões sobre o papel da linguagem na constituição desse processo. O “e” marca, somente o fato de que o livro é constituído por textos de sujeitos que discutem a constituição do ato de ler e da mediação a partir do olhar para a literatura e/ou para a linguagem.

Assim, ao longo dos textos que, de diferentes modos assinalam a centralidade da literatura na constituição do ato de ler, delinea uma compreensão da literatura como espaço de garantia da vida da linguagem, do acontecimento que, na linguagem, “está além de seu uso instrumental, automático, previsível, mais além do nosso saber, do nosso poder, da nossa vontade” (Larrosa 2004, p. 298). A leitura literária aparece neste livro como uma oferta de espaço e de tempo distensos do professor mediador ao aluno. E como tal, é visto como o lugar em que as palavras não envelhecem, não cansam de revelar paisagens, passagens sempre renovadas, uma vez que o seu fundamento é sempre o acontecimento instaurado pelo trabalho do autor e do leitor por meio da e na linguagem.

Nesse sentido, a linguagem como meio de interação e constituição dos sujeitos é o ponto de encontro dos diferentes

autores que compõem esta obra. De diferentes posições e mobilizando diferentes concepções teóricas, todos afirmam e reafirmam a centralidade da linguagem na constituição do ato de ler. A linguagem “marca as trajetórias individuais dos sujeitos” que se fazem sociais pela língua, pelas leituras de mundo e das palavras e pelo trabalho que fazem na e com a linguagem. “A exploração das contra palavras”, das compreensões diferentes no ato de ensino e da própria leitura “permite o cálculo de possibilidades e a construção, através da memória do futuro, de lugares desterritorializados” a partir dos quais professor mediador e alunos podem mobilizar desejos e ações que, respeitando e reconhecendo diferenças, constituem-se como sujeitos de sua própria história de leitura (Geraldi 2010, pp. 123-124).

Aliás, é o próprio João Wanderley Geraldi que, na primeira parte, intitulada *Leitura, literatura e mediação*, abre este livro, como num ato inaugural, com o capítulo *Leitura e mediação*. Logo no primeiro parágrafo do seu texto já identificamos uma afirmação fundamental para a temática geral do livro: a de que nas práticas de leitura, “pensar o professor como mediador da relação do estudante com o texto, e através deste com o(s) seu(s) autores, é já afirmar um ponto de vista sobre a aprendizagem: ninguém aprende a ler sem debruçar-se sobre textos. E este debruçar-se pode ser individual ou coletivo. Não é o professor que ensina, é o aluno que aprende ao descobrir por si a magia e o encanto da literatura. Mediar este processo de descobertas é o papel do professor, que só pode fazê-lo também ele como leitor”.

Em seguida, Milena Magalhães, no capítulo *Do direito à literatura*, levanta perguntas fundamentais que orientam o ato de ler em nossa sociedade e o ensinar da leitura literária na escola. A autora pergunta-se “*Sob quais condições podemos hoje reivindicar o*

*direito à literatura? Em qual espaço privado ou público?*”. Assume que o lugar da literatura, “com todos os paradoxos que possam daí surgir”, está intimamente associado ao modo como as diversas instituições (família, a universidade, a escola) reservam-lhe um lugar. Para a autora, “Ter direito à literatura é ter condições de leitura”.

No terceiro texto que compõe a primeira parte desta obra, Carlos Francisco de Moraes, em seu capítulo *Leitura de textos literários: para que e para quem?*, recorre aos dados estatísticos sobre a “leitura no Brasil hoje” para iniciar a sua discussão sobre leitura. O autor nos chama a atenção para os impressionantes números apresentados pela terceira edição da pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”, realizada pelo Instituto Pró-Livro: em 2011, 50% por cento dos brasileiros, representados por 5.012 entrevistas domiciliares em 315 municípios de todos os estados e o Distrito Federal, revelaram não serem leitores. Diante desses resultados, Carlos Moraes assume que, no seu texto, estará presente um discurso de radical afirmação da necessidade de reversão dessas estatísticas, baseado no simples fato de que a leitura do texto literário tem muito a oferecer a todos os brasileiros.

Fani Miranda Tabak e Deolinda de Jesus Freire fecham a primeira parte do livro com o texto intitulado *Fronteiras da leitura literária*, defendendo que o sentido de uma obra literária “não é atemporal, mas constitui-se na dinâmica da própria história”. Para as autoras, a especificidade dos discursos literários, e sua relação com a leitura, vem sendo substituída por formas *facilitadas* de leitura, simbolizando o declínio do objeto literário para a sociedade pós-moderna. Além dessa constatação, Tabak e Freire, evidenciam que o leitor do texto literário não deve ser apenas “um simples viajante do deleite”, deve ser também um

sujeito capaz de, a partir da leitura de textos literários, realizar a constante retomada e (re)apropriação de diversos sentidos.

A segunda parte do livro – Leitura, literatura e ensino – inicia-se com o capítulo de Juliana Silva Loyola intitulado *Leitura literária e ensino: paradoxos, desafios e propostas*. Nesse capítulo, a autora afirma que literatura e ensino, embora tenham trajetórias não dissociadas, não deixam de apresentar também, nesses percursos, alguns paradoxos. No que tange o ensino da leitura literária, para a autora ainda falta muito para a educação literária assumir um lugar importante no processo de ensino e aprendizagem. Para a autora, isso é um problema porque “Na relação entre a literatura e o ensino, a figura do mediador é fundamental. Esse agente é alguém cujas ações podem ser decisivas para o sucesso ou para o fracasso do futuro leitor”. Sobretudo, quando se pensa a formação do leitor literário, uma vez que este ocupa uma posição diferenciada do leitor de textos referenciais. Isso porque, de acordo com Loyola, “Um leitor literário bem formado lê qualquer coisa, mas o mesmo não se pode falar do inverso; um voraz leitor de textos técnicos, conteúdos virtuais sobre atualidades etc. pode não conseguir enxergar, compreender e experimentar a complexidade e a beleza de uma grande obra literária”.

Maria Fernanda Alvito Oliveira e Danielle de Almeida Menezes, em seu capítulo *Literatura na formação do leitor: perspectivas para a educação básica*, contextualizam cenário atual em que se encontra o Programa do Governo Federal “Mais Leitura” e discutem as ações governamentais, em curso na atualidade, no campo da Educação, que possuem metas ligadas à leitura (como o da oferta de livros; a formatação do currículo escolar, a avaliação do conhecimento e a formação inicial e continuada de professores.). Além disso, focalizando a Literatura, as autoras demonstram que para se ter melhorias no ensino da Educação

Básica, é necessário, que professores mediadores e alunos, leiam mais, que consigam ir além dos fragmentos de textos expostos em manuais didáticos.

Na terceira parte, dedicada à relação entre Leitura, escrita e mediação, Valdir Heitor Barzotto, tendo como base a imagem bíblica do rio Nilo e a história de Moisés, constrói uma belíssima imagem sobre o ensino da leitura, da escrita e o papel do professor nesse processo. O capítulo, *Todo menino que nascer, atirá-lo-eis ao Nilo, ou num manancial de textos*, assim como um manancial, oferece riscos para aqueles que se aventuram a adentrá-lo. Assim como o Rio, o texto não é um lugar transparente, límpido e que o leitor (nadador!) pode de movimentar tranquilamente. Há que se conhecer no Rio-texto as redomas, os espaços silenciosos e frios, as correntezas, as pedras pontiagudas que podem estar escondidas pelas águas-palavras opacas; principalmente, o leitor precisa saber reconhecer a presença dos outros que também habitam esse Rio-texto. Para o autor, o professor mediador ocupa a mesma posição das mulheres que providenciaram as condições necessárias para que Moisés morresse no Nilo.

Claudia Riolfi fecha a terceira parte com o capítulo *O aluno e o uso das novas tecnologias: a Discursividade contemporânea e a constituição da subjetividade*. Este texto funciona como um alerta de que na outra ponta do processo de mediação existe um aluno que, na relação com as novas tecnologias, ocupa, muitas vezes, uma posição passiva. São jovens que, embora sejam interativos, não ocupam a posição de sujeitos singular de apropriação dessas tecnologias. Para a autora, “as consequências pedagógicas deste modo de constituição subjetiva são: 1) A desarticulação do campo verbal em imagem; 2) As dificuldades de separar as partes de um todo sem perder o todo de vista; 3) As dificuldades de concatenar um todo a partir de partes; 4) O apagamento das

origens dos textos citados; e 5) A simetriação do público e do privado”.

A quarta parte do livro, dedicada aos Estudos Linguísticos, ou melhor, a relação entre Leitura, teorias linguísticas e mediação, inicia-se com o capítulo de Maria Eunice Barbosa Vidal Mendonça, *É preciso ensinar a ler*, que aborda um tema que não poderia deixar de aparecer neste livro: a leitura de diferentes gêneros textuais. Como a própria autora afirma, esse tema vem ganhando cada vez mais destaque, especialmente, no contexto escolar. Partindo dessa perspectiva, Mendonça procura refletir sobre como se poderiam conduzir atividades de leitura dos gêneros textuais, de modo a desenvolver competências e habilidades dos alunos no ambiente escolar.

Em seguida temos o capítulo *Os estudos linguísticos e as práticas de leitura*, de Jauranice Rodrigues Cavalcanti, que apresenta, com o auxílio de vários exemplos, alguns conceitos e ricas contribuições dos estudos linguísticos, mais especificamente, da Análise do Discurso, para o entendimento das práticas de leitura. Entre os conceitos retomados pela autora, Cavalcanti menciona o conceito de “cena de enunciação”, de Maingueneau, uma categoria de análise que procura apreender a cena de enunciação. Para a autora, esse e outros conceitos da Linguística podem ser relevantes para auxiliar o leitor na construção de sentido(s) de um texto.

Já Marinalva Viera Barbosa, no capítulo intitulado *O lugar da teoria na prática de ensino da leitura e análise de textos*, argumenta sobre a importância do conhecimento e aplicação da teoria para ser um mediador de leitura. Como principal argumento, a autora evidencia que, na escola, ainda está presente um ensino centrado no reconhecimento das estruturas da língua portuguesa, sem possibilitar que o aluno experimente a leitura nas suas diferentes dimensões, tais como “ler para escrever”,

“informar-se”, “comunicar sentimentos, ideias”, “conhecer ou simplesmente por prazer”. Outro argumento apresentado por Barbosa, foi o de que a atividade de reconhecimento da língua, ainda encontrado nas escolas, persiste em decorrência da formação frágil do professor no que concerne ao domínio teórico e sua efetiva transformação das práticas de ensino.

A quarta seção é encerrada com o capítulo de Juliana Bertucci Barbosa e Talita de Cássia Marine, que respondem com uma afirmação positiva o questionamento, e título do capítulo, *Mediação de leitura, coesão e coerência textual: uma relação possível?*. As autoras buscam mostrar a importância de acionarmos os conhecimentos de coesão e coerência textual do processo de leitura. Além disso, destacam que para que o professor mediador de leitura possa desenvolver estratégias e estimular as competências linguísticas de seus alunos, especialmente, aquelas relacionadas à coesão e à coerência textuais, é imprescindível que ele compreenda o funcionamento desses recursos dentro de um texto.

Por fim, no Suplemento, está o texto de Rodolfo Ilari. Como o próprio título diz, *Elaboração de gramáticas do português falado, notas para uma palestra, por ocasião do lançamento do volume 2 da GPFB*, Ilari traz um relato reflexivo sobre a elaboração de gramáticas do português falado no Brasil e sobre os quase quarenta anos que separam a iniciativa do desenvolvimento do Projeto de Estudo da Norma Urbana Linguística Culta (NURC) e a publicação da Gramática do Português Culto Falado no Brasil (GPCFB). Assim, o suplemento não é o extra, o que está fora, a margem. No sentido derridiano do termo, se existe o suplemento, é porque o texto aí inserido completa lacunas, estabelece outros sentidos que não estão presentes nos demais textos, promovendo um descentramento que quebra a ideia de

origem, de uma organização central que conduz todo o corpo do livro.

Em suma, é a diferença que também faz parte do que foi dito, como se já estivesse desde o princípio e que, no entanto, reconstitui o que deve ser a lei de todo livro: não há fechamento, não há palavra final no que diz respeito a um tema norteador. O que há são possibilidades, aberturas, para outros dizeres, como o que pode ser visto no texto de Ilari e nos sentidos que procuramos atribuir ao ato de mediação e formação do professor mediador (Derrida 2006, p. 265).

*As organizadoras*

### *Referências*

- BARBOSA, M. (2010). *O discurso emotivo nas interações em sala de aula*. São Paulo: Fapesp; Anablume.
- DERRIDA, J. (2006). *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva.
- GERALDI, J. W. (2010). *Ancoragens: estudos bakhtinianos*. São Carlos: Pedro & João Editores.
- LARROSA, J. (2004). *Linguagem e Educação depois de babel*. Belo Horizonte: Autêntica.
- PETTI, M. (2009). *A arte de ler: ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34.